

**Disciplina:** Metodologia da pesquisa

**Professora**: Raquel Bambirra

**Aluno:** Flávio Ernani

**Orientadora:** Ana Elisa Ribeiro

**Tema:** Textos jornalísticos em plataformas digitais

Título a definir

**METODOLOGIA**

Como objetivo geral desta pesquisa, buscaremos analisar as implicações no processo de produção de notícicias, verificando de que forma os jornais e os jornalistas lidam com a imprecisão e os erros cometidos nas notícias, provenientes da exigência da velocidade na publicação. De maneira mais específica, estabelecemos os seguintes objetivos: (I) Comparar as características do jornalismo no contexto da convergência; (II) Refletir acerca dos conceitos de instantaneidade, memória e qualidade em jornalismo digital, investigando o processo de revisão da notícia para a web; (III) Verificar como a instantaneidade se faz presente na leitura das notícias em dispositivos móveis.

Para conduzir a investigação a que nos propomos será necessário um percurso teórico inicial, além disso, o estudo empírico. O objeto selecionado para a pesquisa é o portal de notícias Hoje em Dia. Como esta é uma pesquisa direcionada para a produção da notícia, escolhemos um portal classificado como informativo.

Os conceitos a serem trabalhados neste projeto são: tempo, qualidade, revisão, jornalismo digital e leitura em dispositivos móveis. No tocante ao tempo, recorremos a Norbert Elias que afirma que “o que chamamos de tempo nada mais é do que o elemento comum a essa diversidade de processos específicos” (ELIAS, 1998, p.84). Assim, criamos padrões sociais para diferenciar o que é lento do que é veloz, mas, também somos institucionalizados pelo que Elias (1998) chama de “tempo social”, quando horas, minutos e segundos são valiosos. Questionamentos relacionados à urgência do tempo permeiam o cotidiano de diversos profissionais, e no caso dos jornalistas os prazos finais para entrega das notícias é ainda mais evidente. Nesse sentido, a notícia possui tempo de validade, por se tratar de uma mercadoria com valor comercial.

Para compreender o processo de convergência, partiremos de perspectivas abordadas por diversos pesquisadores. Com o desenvolvimento tecnológico, o jornalismo ganha agilidade. Ciro Marcondes Filho (2002) recorda que o jornalismo herdou características da Revolução Francesa, pois o seu surgimento foi marcado pelo esclarecimento, uma imprensa nascia no seio do Iluminismo “tanto no sentido de exposição do obscurantismo à luz quanto de esclarecimento político e ideológico” (MARCONDES FILHO, 2002, página). Nas cinco fases do desenvolvimento da imprensa atribuídas por Marcondes, é possível observar que o avanço tecnológico provocou muitas mudanças no jornalismo. Na primeira fase (de 1609 a 1789), denominada de *pré-história*, a imprensa era artesanal e o jornal semelhante ao livro, com poucas páginas. Tais características da imprensa nesta fase são próprias ao período que antecedeu a era moderna e, certamente, um dos marcos para imprensa foi a invenção da prensa de Gutenberg por volta de 1450. Na segunda fase, a do *primeiro jornalismo* (de 1789 a 1830), o jornalismo era político-literário e neste período inicia-se o processo de profissionalização da atividade jornalística. Na terceira, a do *segundo jornalismo* (de 1830 a 1900), a imprensa era voltada para as massas e o valor notícia pautava-se pelo “furo”. Na quarta, a do *terceiro jornalismo* (de 1900 a 1960), a imprensa era monopolista. Na quinta fase, a do *quarto jornalismo* (de 1970 até hoje) a informação torna-se eletrônica e interativa e um dos principais valores jornalísticos é a velocidade. Briggs e Burke (2006) observam que a revolução da comunicação é um processo contínuo. Ao contrário da revolução industrial que marcou um período destacado pelo maior número de substituição de operários pelas máquinas no século XVIII, a revolução da comunicação não tem fim. Na primeira década do século XXI, percebemos transformações que provocaram mudanças no jornalismo e que exigiram novos perfis profissionais.

Nesse sentido, o caráter iluminista do jornalismo deu lugar ao valor de mercado que a notícia possui e é evidenciada a íntima relação entre imprensa e capital. Atento a essa gama de variedades de dispositivos, Guillermo Franco ressalta que “novas tecnologias e dispositivos diversificaram a distribuição de conteúdos, mas as diretrizes de redação não são diferentes. Talvez mais exigentes.” (FRANCO, 2009, p.154). Assim, ao jornalista foi preciso aprender e adaptar-se às especificidades da escrita para os novos meios. O processo de convergência digital é percebido nas redações e sentido pelos jornalistas. Todavia, ressaltamos que essas modificações foram solicitadas pelo leitor, que de receptor transformou-se em consumidor. Os profissionais de jornalismo enfrentam todos os dias a abundância de acontecimentos e a escassez de tempo. Para Nelson Traquina, “os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo.” (2005, p.181). Defende ainda a teoria interacionista, pois acredita que "a notícia também constrói o acontecimento, porque é um produto elaborado que não pode deixar de refletir diversos aspectos do processo de produção" (idem, p.88).

Ao mesmo tempo em que a convergência é presente nas redações dos jornais impressos, o surgimento dos portais enfatizava esse processo de mudanças em que a velocidade torna-se o principal atributo da informação. Suzana Barbosa defende que “a ideia inicial por trás do portal era a de ser o lugar por onde começava a ação do internauta, que, a partir dele poderia construir os roteiros de `leitura' que desejasse ou o seu próprio hipertexto.” (BARBOSA, 2003, p. 163). Contudo, a pesquisadora Luciana Mielniczuk (2005) aponta problemas dessa forma de consumo da informação e um deles é a falta de um diálogo entre emissor e receptor em um meio que possibilita inúmeras maneiras de estabelecer essa relação. Mielniczuk (2005) relembra promessas feitas em 1995 com o advento da era digital, as expectativas eram gigantescas: espaço ilimitado para publicação de notícias, demanda permanente, notícias interligadas pelos links, estreitamento na relação entre jornalistas e leitores, transparência no processo de produção, narrativa multimídia e não-linear.

Hodiernamente, percebemos que as promessas foram parcialmente cumpridas. No que tange ao espaço, demanda, hipertexto, multimídia – e esta última com um pouco de timidez -, foi efetiva a concretização das expectativas. Porém, questões como relação entre jornalista e leitor, e transparência na apuração são demasiadamente complexas para serem resolvidas apenas com a utilização de um ambiente virtual para a publicação de notícias. Os processos de apuração e edição foram ainda mais agravados com a utilização da web, conforme explica Elias Machado “A estrutura descentralizada do ciberespaço complica o trabalho de apuração dos jornalistas nas redes devido a multiplicação das fontes sem tradição especializada no tratamento de notícias, espalhadas agora em escala mundial.” (MACHADO, 2002, p.4). Cabe, portanto, ao jornalista conhecer esse novo modelo de apuração e edição.

Em publicação organizada por Palacios e Díaz Noci (2009), os pesquisadores defendem que é de suma importância o estabelecimento de critérios na seleção e na observação da representatividade da amostra. Sugerimos à composição da amostragem a proposição da criação de uma “semana artificial” (BAUER, 2008, p. 196). Dessa forma, a amostragem deverá ser feita todos os dias, durante uma semana, em horários definidos pelo pesquisador, observando o horário de maior acesso à internet, que segundo relatório do Instituto Nacional de Circulação (2012) é entre 8h e 20h.

Para estabelecer o recorte do objeto empírico da pesquisa, constituiremos um *corpus* de análise, a partir de materiais coletados no portal Hoje em Dia, e observaremos por meio de algumas metodologias – a saber: Análise de conteúdo contida em Bardin (2011); Ferramenta para análise de memória em cibermeios, abarcada em Palacios e Ribas (2011) e Ferramenta para análise de instantaneidade, proposta por Ernani e Quadros (2014) e Ernani (2015). Recorreremos à discussão sobre memória e fragmentação da leitura, feita por Marcos Palacios (1999). O pesquisador considera que as informações outrora produzidas e disponíveis no ambiente virtual têm seu valor potencial aumentado no jornalismo digital. Desse modo, à compreensão da notícia instantânea seria necessário recorrer à memória. Por fim, faremos o processo de entrevistas semi-estruturadas, proposta por Triviños (2010), em que entrevistaremos os jornalistas do portal Hoje em Dia e usuários de dispositivos móveis, para obtermos dados e realizarmos o cruzamento das informações.

**Referências**

BARBOSA, Suzana. Jornalismo de portal: novo formato e categoria para o jornalismo digital.

In: MACHADO, Elias & PALÁCIOS, Marcos (org.). *Modelos de jornalismo digital*. Salvador:

Calandra, 2003. p. 160-186.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Editora Almedina Brasil, 2011.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. Petrópolis: Editoria Vozes, 2008.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Uma história social da mídia. De Gutenberg à Internet. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2006.

ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998.

ERNANI, Flávio. O jornalismo imediato: a instantaneidade no portal de notícias brasileiro UOL. In: REIS, Ana; ZAMITH, Fernando; BASTOS, Helder; JERÓNIMO, Pedro. Livro de atas IV Congresso Internacional de Ciberjornalismo. Porto: Observatório de Ciberjornalismo, 2015.

; QUAROS, Claudia Irene de. Instantaneidade no ciberjornalismo: uma proposta de ferramenta e análise. Anais. INTERCOM – Sociedade brasileira de estudos interdisciplinares em comunicação, 2014. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1533-1.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

FRANCO, Guillermo. Como escrever para a web. Austin: Centro Knight para Jornalismo nas Américas, 2009.

MACHADO, Elias. O ciberespaço como fonte para os jornalistas, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=648>>. Acesso em: 20 maio 2014.

MARCONDES FILHO, Ciro. Comunicação e jornalismo. A saga dos cães perdidos. 2ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MORETZSOHN, Sylvia. Jornalismo em tempo real: O fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2002.

PALACIOS, Marcos (org.) Ferramentas para análise de qualidade no ciberjornalismo. Covilhã: LabCom Books, 2011.

; DIÁZ NOCI, Javier (Eds.). **Online journalism: research methods.** A multidisciplinary approach in comparative perspective. Bilbao: Servicio Editorial de La Universidad del País Vasco, 2009. Disponível em: <<http://grupojol.wordpress.com/2009/04/24/palacios-e-diaz-noci-2009/>>. Acesso em: 28 nov. 2013.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo. Volume I: Porque as notícias são como são. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2010.